



Aqui Me Encontro

Estudos de Caso

Projeto:

AQUI ME
ENCONTRO
e confundo com gente de
TODO O
MUNDO



AUTORES

Ana Mouraz, Universidade Aberta, (DEED), (LE@D), Portugal – ORCID n.º 0000-0001-7960-5923, coordenadora
Ana Patrícia Almeida, Universidade Aberta, (DEED), (LE@D), Portugal – ORCID n.º 0000-0001-5242-8285
Ana Nobre, Universidade Aberta, (DEED), (LE@D), Portugal – ORCID n.º 0000-0001-7963-8397
Anabela Caetano Santos, Universidade Aberta, (LE@D), Portugal – ORCID n.º 0000-0001-5242-8285
Bárbara Bäckström, Universidade Aberta, (DCSG), Portugal – ORCID n.º 0000-0002-5844-3854
Catarina Nunes, Universidade Aberta, (DCT) Portugal – ORCID n.º 0000-0002-8357-0994
Cláudia Neves, Universidade Aberta, (DEED), (LE@D), Portugal – ORCID n.º 0000-0002-8175-4749
Filipa Seabra, Universidade Aberta, (DEED), (LE@D), Portugal – ORCID n.º 0000-0003-1690-9502
Lúcio Sousa, Universidade Aberta, (DCSG), Portugal – ORCID n.º 0000-0002-8619-8673
Maribel dos Santos Miranda-Pinto, (DEED), (LE@D), Portugal – ORCID n.º 0000-0003-0813-1497
Marta Abelha, Universidade Aberta, (DEED), (LE@D), Portugal – ORCID n.º 0000-0001-7105-3722
Olga Magano, Universidade Aberta, (DCSG), Portugal – ORCID n.º 0000-0001-9661-6261
Pedro Abrantes, Universidade Aberta, (DCSG), Portugal – ORCID n.º 0000-0001-9572-9563
Ana Beatriz Matos, Universidade Aberta, (LE@D), Portugal – ORCID n.º 0009-0005-3587-8299
Irina Borges, Universidade Aberta, (LE@D), Portugal – ORCID n.º 0009-0003-5975-9302
Ntebatsa Elizabeth Gomes, Universidade Aberta, Portugal – ORCID n.º 0000-0006-9685-6082
Ana Filipa Neves, Universidade Aberta, Portugal – ORCID n.º 0009-0003-9273-9290
Helena Martins, Universidade Aberta, Portugal – ORCID n.º 0009-0009-3631-9041

DESIGN GRÁFICO

Luis Borges
2025

ISBN: 978-972-674-988-2

DOI: <https://doi.org/10.34627/hr77-yg61>

Licensed under CC BY-NC-SA.



“Para que é que serve a arte?” na inserção de jovens estrangeiros não acompanhados (JENA). Estudo de caso de um curso EFA

Autoria: Lúcio Sousa, Filipa Seabra e Marta Abella

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o modo como as práticas artísticas foram incorporadas como estratégia pedagógica num curso de Educação e Formação de Adultos (EFA) dirigido a jovens estrangeiros não acompanhados (JENA) e os resultados alcançados com a sua implementação na integração deste grupo de estudantes. O trabalho, de índole qualitativa, foi realizado através de observação no espaço escolar, com entrevistas a responsáveis do centro Qualifica e a duas docentes do curso, a mediadora da turma e a mediadora intercultural. Os principais resultados desta pesquisa ressaltam o caráter voluntário dos envolvidos, os dilemas que sentem no seu desenvolvimento social e pessoal dos envolvidos, estudantes e docentes. Todavia, este tipo de atividade está muito dependente da capacidade de preparar atempadamente o ano escolar, nomeadamente os recursos humanos afetos, e, em particular, a dependência, no caso das práticas artísticas, da possibilidade de dar continuidade ao trabalho.

Palavras-chave:

Práticas artísticas | Qualifica | JENA | Integração social e escolar

1. Introdução

O número de menores não acompanhados solicitantes de proteção internacional em Portugal tem, apesar de variações, aumentado ao longo dos anos, com podemos observar no quadro seguinte:

Tabela 1: Menores não acompanhados requerentes de asilo em Portugal (2017–2024)

Ano	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Número	38	36	46	96	127	126	81	204

Fonte: AIMA (2025, 25)

Este facto está de acordo com os dados apresentados pela UNICEF (s.d.) que indica que as crianças são cerca de 40% dos migrantes forçados no mundo. Por norma, estes jovens têm sido acompanhados em Portugal pelo Conselho Português para os Refugiados, mas, desde 2015, outras instituições iniciaram trabalho com este grupo de migrantes. Um dos principais desafios que se coloca é a sua inserção no sistema escolar português. A extemporaneidade da sua chegada, ao longo do ano letivo, o facto de, na sua maioria, serem provenientes de países não falantes de português, ou sem o domínio de francês ou inglês, a sua fraca escolaridade ou o facto de frequentarem modelos de ensino diversos, colocam dificuldades de inserção no sistema escolar tradicional. As instituições que os albergam procuram encontrar soluções por norma em escolas próximas das suas sedes, mas enfrentam dificuldades várias associadas à frequência de um modelo de ensino dito normal, seguindo os ciclos de estudo consagrados. A relação entre inserção e integração nas escolas, o seu modelo letivo está elaborado para o estudante-tipo “português”, que passa por vários anos. Outra solução encontrada, o caso em apreço, foi o de criar um caminho próprio através dos cursos EFA, Educação e Formação de Adultos, proporcionado pelo centro Qualifica do agrupamento escolar em estudo. A inclusão dos estudantes neste curso coloca a questão de estarem assim afastados dos seus colegas portugueses, e de outras nacionalidades, sendo o racional em causa o que será melhor para os JENA? É neste contexto que vamos seguir a pertinência de valorização de metodologias alternativas, como as práticas artísticas, como estratégia e papel central no percurso dos jovens na sua inserção e integração em contexto escolar.

1.1. Finalidades

O centro QUALIFICA do Agrupamento de Escolas de Alvalade, em Lisboa, desenvolve desde 2019



sendo esta situação exclusiva destes jovens, a sua circunstância de estrangeiros, coloca dificuldades acrescidas ausência da família.

1.3. Explicitação do foco em termos teóricos

A inserção de jovens não acompanhados em contexto escolar é um tema específico da integração de jovens migrantes dadas as condições específicas decorrentes das circunstâncias que trouxeram estes jovens não acompanhados e ao facto de estes estarem sem uma rede familiar que os acompanhe e ao quadro de institucionalização a que se vêm remetidos no processo de solicitação de asilo. Para os jovens migrantes forçados que, por via de pedido de familiar ou processo de reinstalação chegam a Portugal, o seu processo de inserção na rede escolar é um processo que, apesar das limitações documentais que possam existir, não são um problema de maior. Todavia, esse facto, não inibe que não haja dificuldades de integração, nomeadamente a que resulta de dificuldades linguísticas (Souza, et al, 2021). Na sequência do processo e recolocação de refugiados de 2015, o ministério da Educação emitiu informações e normas específicas sobre o acolhimento de refugiados¹⁰, nomeadamente o Guia de Acolhimento de Menores estrangeiros não acompanhados (MENA)¹¹, sem que haja alusão aos cursos EFA.

No contexto de um estudo comparativo entre Portugal e França Victor Rosa (2015) identifica como principais dificuldades de integração de menores isolados as barreiras linguísticas e culturais, o trauma e vulnerabilidade psicológica decorrentes do processo de fuga, os obstáculos institucionais e burocráticos no acesso à educação, nomeadamente os decorrentes de uma triagem que passa pela idade, assim como certas posturas de cariz discriminatórias relacionadas com as expectativas de comportamento. Sendo um estudo com a dimensão empírica centrada em França, explicado pela dimensão do fenómeno naquele país, não podemos recolher aqui dados comparativos com Portugal.

O trabalho de Sandra Roberto e Carla Moleiro (2021), com uma dimensão empírica com jovens não acompanhados em Portugal aproxima-nos mais do foco. As principais dificuldades detectadas por estes autores foram as barreiras linguísticas e conteúdos escolares; a dificuldade de socialização e o sentimento de segregação, a ausência de discriminação perceptível vs a desconfiança. No campo

¹⁰ <https://www.dge.mec.pt/noticias/medidas-educativas-de-integracao-de-criancas-e-jovens-refugiados-no-sistema-educativo>

¹¹ https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos/Criancas_jovens_refugiados/guia_acolhimento_mena_agosto2020.

um projeto de inserção de menores não acompanhados, requerentes de asilo, refugiados ou detentores de proteção internacional, designados como JENA. Trata-se de um curso EFA adaptado a estes estudantes. O projeto é desenvolvido com o apoio de uma equipa específica, coordenados por uma mediadora (diretora de turma – formação na Pontes), equipa e docentes e equipa técnica do centro com apoio de psicóloga (orientação inicial e papel de ligação com as entidades tutoras). Estes estudantes estão, na sua maioria, inseridos em instituições de apoio refugiados e têm tutores responsáveis que interagem com a escola. Desde o início do curso o recurso à expressão artística foi empregue como meio de mediação e capacitação dos estudantes. Esta aposta foi valorizada com a participação em 2024 de uma docente voluntária no âmbito de um projeto de uma organização não governamental com o “Projeto ponte”. Esta relação tornou-se mais efetiva através da incorporação desta através de um concurso para mediador cultural no presente ano letivo.

A principal finalidade do presente estudo de caso é compreender o impacto da arte como estratégia de inserção de estudantes JENA num curso EFA no Agrupamento de Escolas da Alvalade, descrevendo os fatores que concorreram para o sucesso desta estratégia.

- O1: Compreender o processo de criação da turma EFA-JENA e a opção pela Arte como estratégia de promoção de competências.
- O2: Caracterizar os impactos da arte como meio de inserção social e no bem-estar dos alunos migrantes.
- O3: Identificar os fatores que contribuíram para o sucesso da turma EFA-JENA.

1.2. Questão de investigação

De que modo a arte promove a inserção de estudantes menores não acompanhados, num curso EFA no Agrupamento de Escolas da Alvalade. Este tema procura responder, no contexto do tema do projeto *AquiMeEncontro*, a uma situação específica de migrantes sob a égide da proteção internacional, quer esta resulte de pedidos de asilo espontâneos, reinstalações ou situações extemporâneas, como é o caso de situações como pessoas recolhidas de barcos. A característica principal é que estamos perante menores ou jovens sozinhos, sem suporte familiar. Uma nota para referir que, de acordo com convenção dos Direitos das Crianças, estas são definidas como pessoas até aos dezoito anos. Todavia, a categoria de jovens sobrepe-se como uma fase de transição, sendo definido como entre os 15 e os 24 anos. A circunstância de se encontrarem no quadro de proteção internacional faz com que estes jovens sejam enquadrados numa componente assistencial, com instituições e tutores que substituem e articulam a relação destes com a escola e a sociedade. Não



escolar, as dificuldades de um sistema de ensino que procura responder a estes desafios, sendo um dos meios essenciais de o fazer, mas, com um currículo que se torna ininteligível, e a necessidade do corpo docente ter formação especializada com estes jovens, assim como diretrizes específicas.

O trabalho de Nogueira (2023) centra-se de forma mais direta sobre o caso dos EFA, com parte do seu estudo centrado sobre o estudo de caso. Os cursos são identificados como uma das principais vias educativas para a integração de menores não acompanhados (conceito empregue pela autora), uma opção estratégica já que possibilitam um caminho mais célere para a entrada ao mercado de trabalho e a autonomização e independência financeira. A frequência destes cursos apresenta, todavia, algumas contradições e segregação decorrentes de dificuldades e "desencontros" pedagógicos e sociais. Segundo a autora, os jovens sentem-se segregados e "excluídos" pelo facto de serem uma turma de requerentes e refugiados, que decorrem em espaços e em horários diferenciados do ensino regular. A modalidade EFA destina-se a adultos, podendo envolver uma inadequação pedagógica. A condensação do tempo formativo pode também implicar limitações em certas aprendizagens básicas consideradas essenciais a uma integração plena.

A análise conclui que a inserção em cursos EFA suscita a dúvida se os jovens estão de facto preparados para uma "integração plena" na sociedade e no mercado de trabalho, sublinhando que esta modalidade é uma das razões para a desadequação das respostas face às necessidades dos jovens MENA e para a falta de preparação dos atores escolares envolvidos. É interessante que, nas suas conclusões, a autora aluda à dimensão artística, como uma das formas de ir mais ao encontro das necessidades diferenciadas destes jovens.

2. Metodologia

O presente trabalho seguiu uma abordagem qualitativa, sob a forma de estudo de caso, assente numa perspectiva etnográfica, com observação de algumas atividades e a realização de entrevistas semiestruturadas interlocutores escolares, como o coordenador do centro, a psicóloga do centro, a mediadora de uma das turmas, e a docente mediadora intercultural que aplicou a estratégia artística. Foi ainda efetuada uma entrevista exploratória com uma coordenadora de uma associação que acolhe jovens não acompanhados. Embora tivéssemos acompanhado e convivido com os jovens ao longo do processo não os questionamos diretamente. A apresentação de recursos visuais decorre da participação em eventos em que estes foram apresentados publicamente.

2.1. O caso: razões da sua escolha e operacionalização

A opção por este estudo de caso decorre do conhecimento prévio da existência deste curso EFA e, sobretudo, do facto de a Arte ser usada neste como estratégia. A sua operacionalização efetuou-se com o apoio do diretor e da psicóloga do centro, que nos colocaram literalmente na sala de aula no primeiro dia, uma imersão imediata face a docentes e estudantes, todos, em volta de uma longa mesa retangular, envolvidos na prática de olaria, o convite posterior para duas atividades escolares, assim como as entrevistas com duas docentes. A pesquisa etnográfica online efetuou-se também nas redes sociais da escola, procurando encontrar referências às atividades desenvolvidas.

2.2. Interventientes

No estudo participaram diretamente o diretor e a psicóloga do centro *Qualifica* e duas docentes do curso EFA, mediadora e mediadora intercultural, esta última inicialmente na qualidade de voluntária e proponente das práticas artísticas como método de trabalho.

2.3. Instrumentos

Entrevistas exploratórias a responsável de centro de acolhimento foi realizada online, via zoom. A primeira entrevista exploratória com o diretor e a psicóloga do centro *qualifica* foi presencial, assim como as posteriores entrevistas semiestruturadas com semiestruturadas com os responsáveis do centro e duas das docentes envolvidas, a mediadora, denominação equivalente ao de diretor de turma, e a mediadora intercultural. A participação em dois eventos permitiu efetuar uma observação das interações registadas. Por fim, a análise documental foi limitada pelo facto de não ter sido possível obter documentação cinzenta, tendo sido compensada com a pesquisa em redes online da escola e na imprensa.

2.4. Questões éticas

Foi solicitado autorização para a realização do estudo junto da direção do centro *qualifica* e do agrupamento de escolas. Aos entrevistados foram ainda propostas autorizações de consentimento informado explicando os objetivos da investigação, a sua inserção no projeto *AquiMeEncontro*, aprovado pela Direção-Geral da Educação (DGE), assim como o seu patrocínio, decorrente do concurso *Science*



4Policy 2023 promovido pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Esta mesma informação consta do Consentimento Informado Livre e Esclarecido facultado a junto de todos os participantes.

3. Resultados

3.1. A criação de um curso EFA para Jovens não acompanhados e os seus desafios – a visão da coordenação do centro Qualifica

O Agrupamento de Escolas de Alvalade (AEA) foi formado em 2012, compreende a Escola Secundária Padre António Vieira (ESPAV), Escola Básica Almirante Gago Coutinho, Escola Básica S. João de Brito e a Escola Básica Teixeira de Pascoais, lecionando desde o ensino básico até ao secundário. A instalação do Centro Qualifica de Alvalade permitiu ampliar a oferta educativa para um público adulto, com cursos de básico e secundário, formações modulares e Português para estrangeiros e o Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC).

O Centro Qualifica AE Alvalade é uma estrutura do Sistema Nacional de Qualificações que, ocupa uma parte do edifício da ESPAV, um edifício moderno, fundada em 1965, do arquiteto Ruy Athouguia, à época um liceu masculino até ao 25 de Abril de 1974. Situado, na altura, na periferia do bairro de Alvalade em construção, o edifício está hoje muito mais envolvido pela malha urbana.

O objetivo do Centro Qualifica relaciona educação, formação e emprego, com o propósito de facultar uma qualificação, quer pelo prosseguimento de “estudos e/ou uma transição/reconversão” para o mercado de trabalho. Os destinatários dos centros são uma população de idade igual ou superior a 18 anos¹². Esta circunstância é de realçar pois, como veremos, os jovens estrangeiros não acompanhados (JENA), como são designados, incluem pessoas com idades inferiores ou em transição para os 18 anos.

A criação do curso específico resultou, segundo o coordenador do centro, de um desafio lançado em 2019 ao centro por responsáveis da Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGEstE) face ao aumento do número de estudantes estrangeiros não acompanhados.

O Centro Qualifica (CQ) do Agrupamento de Escolas de Alvalade acolhe, desde há 5 anos, alunos de múltiplas origens sociais, culturais adquirindo uma identidade multicultural e marcadamente inclusiva.

Após uma autorização especial da DGEstE, o CQ oferece desde há cerca de 5 anos cursos

EFA a alunos, com 16 anos ou mais provenientes de países terceiros, maioritariamente requerentes de proteção internacional. Por ano, mais de 100 nacionais de países terceiros são acolhidos e orientados pelo CQ, número que tem vindo a aumentar ao longo dos últimos anos. São alunos com poucos ou nenhuns anos de escolaridade prévia, destacando-se a barreira linguística como dificuldade primeira e maior ao seu sucesso educativo.

A esta, acrescem dificuldades burocráticas inerentes à migração e preocupações com a difícil estabilidade financeira. No global, estes fatores conjugam-se para colocar em risco os projetos escolares a que estes jovens se propõem.

(excerto de placar disponível na exposição “Do mesmo Mundo: pontes para fronteiras invisíveis”, inaugurada a 10 de março na DGEstE, Lisboa).

O desafio que se colocou aos responsáveis do centro foi assim de elaborar um curso que integraria jovens menores e outros que, entretanto, estariam já na transição da idade. O dilema de fundo que se colocou foi a decisão de criar turmas exclusivamente com este grupo específico, no contra-horário característico dos cursos EFA, isolando os jovens da maioria dos restantes estudantes. O que seria melhor para a sua integração? Esta questão, refletida com o coordenador e a psicóloga, é algo que é objeto de reflexão ao longo destes anos. Não sendo perentório, a opinião é de que, face às circunstâncias específicas destes jovens, estes cursos ajudam na resolução de problemas concretos do seu percurso de vida. São jovens que estão institucionalizados, quer em centros de acolhimento, quer quando com 18 anos, em residências autónomas. Mais do que uma saída imediata para o mercado de trabalho, estes cursos permitem também a passagem para outros cursos profissionalizantes. O número de estudantes envolvidos parece ter sido uma das questões que levaram à criação deste curso, assim como, os momentos extemporâneos, em que estes chegam. O curso é procurado não só por instituições de acolhimentos de requerentes de asilo relativamente vizinhas à escola, como de outras instituições mais distantes.

O modo como se procura ultrapassar essa diferença é através de momentos e atividades em que se procure essa interação. Com a comunidade escolar, por um lado, e com a sociedade, nomeadamente através de visitas de estudo. Todavia, é reconhecido que, em termos de inserção, o processo ajuda os jovens a superar num ritmo mais dedicado e exclusivo os desafios, sobretudo da língua. O processo de acolhimento e diagnóstico destes jovens, efetuado sobretudo pela psicóloga do centro, é de grande

¹² <http://aealvalade.edu.pt/cq/index.php/cq-faq>



proximidade, por um lado, com os jovens, com as tutoras das instituições, assim com na sua orientação e encaminhamento. Neste contexto, o reconhecimento das competências é algo complexo, dada a ausência de documentação, na maioria das vezes, e o facto de, em alguns casos, os jovens terem percursos escolares muito reduzidos, ou diferenciados. O trabalho de acompanhamento ao longo do percurso escolar é outro desafio, que junto de jovens quer de docentes, de facto, a gestão e planeamento do curso é feito anualmente com as limitações de correntes de colocação de docentes e a sua mobilidade.

3.2. A arte como prática e estratégia educativa num curso EFA para Menores não acompanhados – a visão de duas mediadoras

No primeiro dia em que me desloquei ao Centro Qualifica para falar com o coordenador e a psicóloga do centro fui levado, para minha surpresa, à sala de aula onde decorriam os trabalhos de uma turma na disciplina de competências pessoais, sociais e de aprendizagem, lecionada pela docente mediadora (diretora de turma) e a mediadora intercultural¹³. Na sala, em torno de uma mesa continua, cerca quinze jovens moldavam barro dando-lhe diferentes formas, conversando entre si, e com a mediadora e a mediadora intercultural. Esta, voluntária no último ano letivo, tinha ali iniciado o desafio de, através de práticas artísticas:

“Do mesmo mundo” é um projeto independente e solidário, criado pela artista plástica (...) em Paris, com forma de dar lugar à visibilidade das experiências da migração e do exílio, e continua este ano no agrupamento de Escolas de Alvalade.

Dos constrangimentos da língua têm sido criadas novas formas de expressão, estes alunos vêm pintados de liberdade “uma liberdade desejada”, e pintam um mundo mais justo, livre e igual. “

(excerto de placar disponível na exposição “Do mesmo Mundo: pontes para fronteiras invisíveis”, inaugurada a 10 de março na DFEstE, Lisboa).

Como expreso pela própria:

“vim (...) por intermédio de uma associação (...), que acompanha estes alunos e tinha a intenção de desenvolver um projeto artístico com eles. Não sabia ainda se era possível.

Queria conhecer as necessidades deles primeiro e perceber se isso era viável e se isso era também o que eles queriam e o que eles procuravam.”

A entrevista conjunta com a mediadora da turma e mediadora intercultural foi central para se compreender as aspirações, os desafios e os sucessos, contingentes, deste projeto artístico e pedagógico. As dificuldades e os esforços desenvolvidos com estudantes, muitos dos quais não têm experiência escolar prévia e a aprendizagem do português como segunda língua. É enfatizada a importância da formação para os docentes e o papel das práticas artísticas como ferramentas para a expressão, o desenvolvimento de competências sociais e a superação das barreiras linguísticas e culturais. O diálogo também aborda a motivação dos jovens, as aspirações, que passam por, em alguns casos, a trabalhar rapidamente para poderem “ajudar as suas famílias”. Esta reflexão obriga-nos a pensar no processo de integração como um caminho que se faz aqui, mas, também, lá, a distância, como podemos ver neste volume (Seabra, Abelha, Borges & Sousa) com os jovens afegãos.

3.2.1 As práticas artísticas e o processo de integração: pintar o outro e o aqui



Figura 1: Detalhes de pintura e barcos de papel

Fotos: Lúcio Sousa

¹³ Os cursos EFA integram 5 áreas de competências-chave: Cultura Língua e Comunicação; Competência Digital; Matemática, Ciências e Tecnologia; Cidadania e Empregabilidade e Competências pessoais, sociais e de Aprendizagem (AN-OEP, 2021).



A entrevista começou de forma aberta, e foi desta forma que surgiram as reflexões iniciais sobre o desafio do uso da arte no contexto do curso e com os estudantes em causa:

(...)lembro-me que uma das questões iniciais foi, "Mas o que é arte?" e "Para que é que serve a arte?". E então nós tivemos de pensar, não é, como é que iríamos explicar a pessoas que falam um pouco português que... Como é que iríamos trazer alguma utilidade para eles, neste processo criativo, neste processo artístico, como é que isto nos iria ser útil?

Porque eles essencialmente procuram melhorar o seu português e que faz todo o sentido, não é, porque vão beneficiar disso quando procurarem um trabalho e quando saírem da escola, portanto faz todo sentido.

O que é que nós percebemos rapidamente? Era que o ambiente de grupo, criou-se um ambiente de grupo. Uma das primeiras atividades que fizemos foi eles pintarem a pessoa à frente e só o facto de haver, eu sentia no início, havia assim umas barreiras mesmo de olhar, de olhar para alguém durante algum tempo e que isso estava a desenvolver, neste caso, as competências sociais, as competências de conseguirmos estar com os outros de uma forma, talvez mais despida, com um grupo mais uno e percebemos que isso foi construindo-se. (Mediadora intercultural).

Todavia, este não foi um processo isento de complexidades e existiram diferentes etapas:

Passámos por várias fases, não é, passámos por fases de muita desmotivação dos alunos em que tentamos perceber, eles não estavam a falar português ainda como queriam, a nossa prática é desenvolver o português também com a narração de histórias que foi uma das coisas que fizemos aqui, depois passámos para cerâmica. Mesmo com a pintura havia, há sempre, não é, alguma coisa que eles nos estavam a contar, coisas muito inconscientemente saíam e que só depois percebíamos, "Ah, eu estou aqui a falar da minha terra" e desenvolver essas temáticas, se eles quiserem, não é, porque depois também tem de haver muito cuidado de não falarmos sobre coisas que as pessoas não querem falar (Mediadora intercultural).

Apesar das dificuldades sentidas foi criado um espaço e encontrado um caminho:

Mas criou-se espaço para podermos, com algumas pessoas, fazer esse caminho de voltar à nossa terra, às nossas origens. O que é que nos influenciou? O que é que sentimos saudades, nos sonhos, não é? De que forma é que a nossa relação aqui em Portugal com a comunidade...? Como é que era a nossa relação com a comunidade da nossa terra e aqui,

agora? E fazermos estes balanços. Tomarmos um bocado de consciência disto em conjunto. Para mim foi muito isso. Este trabalho criativo foi tomar por consciência do lugar em que estamos. Onde é que estamos? Como é que viemos aqui parar e por onde queremos ir? E no final incidiu muito também sobre o futuro, não é, o que é que nós queremos agora? Estamos aqui e o que é que queremos para o construir para o futuro?

Sendo esta entrevista realizada quase no final do ano letivo é possível fazer um balanço sobre o papel da arte neste caso concreto, e antever o próximo ano:

Acho que o balanço que tiro foi positivo, não é perfeito. As coisas nós às vezes gostávamos de ver uma evolução muito rápida. A evolução é lenta. Aprender uma nova língua é difícil, demora tempo. Eu, ainda assim, estou muito contente porque sinto abertura para falar sobre algumas coisas que antes não eram faladas e sinto essa mudança. E para mim isso faz sentido, sobre tudo em comunidades que são mais isoladas, naturalmente, porque não falam uma língua de um país novo ainda e têm mais tendência a isolar-se. Acho que trazer essas competências sociais, trazer essa união de um grupo, a coletividade a funcionar, acho muito importante no processo de integração.

E a arte é uma forma de expressão. Nós usamos muita pintura a cerâmica. Tentámos incluir também práticas teatrais, que ainda é uma coisa que estamos a desenvolver com mais profundidade, mas não conseguimos porque há muito entrave da língua ainda, não é? Estamos a falar com pessoas que estão há muito pouco tempo em Portugal, portanto, a pintura e a cerâmica foram o espaço de liberdade de expressão.

Quando estamos a aprender uma língua é tudo muito... É muita coisa, estamos a lidar com muitas palavras novas, com muita frustração de não nos conseguirmos expressar ainda como queremos e eu sentia que nestes lugares tínhamos uma maior liberdade. E pronto, é isso. (Mediadora intercultural).

A continuidade do projeto está, para já, assegurada, a mediadora intercultural irá permanecer pelo menos até ao final do contrato: "Eu quero continuar, sim. E também quero perceber o que é que vai fazer sentido para o ano (...) Ouvir o que é que eles querem fazer para o próximo ano. Eles é que nos vão dizer o que é que vamos fazer."



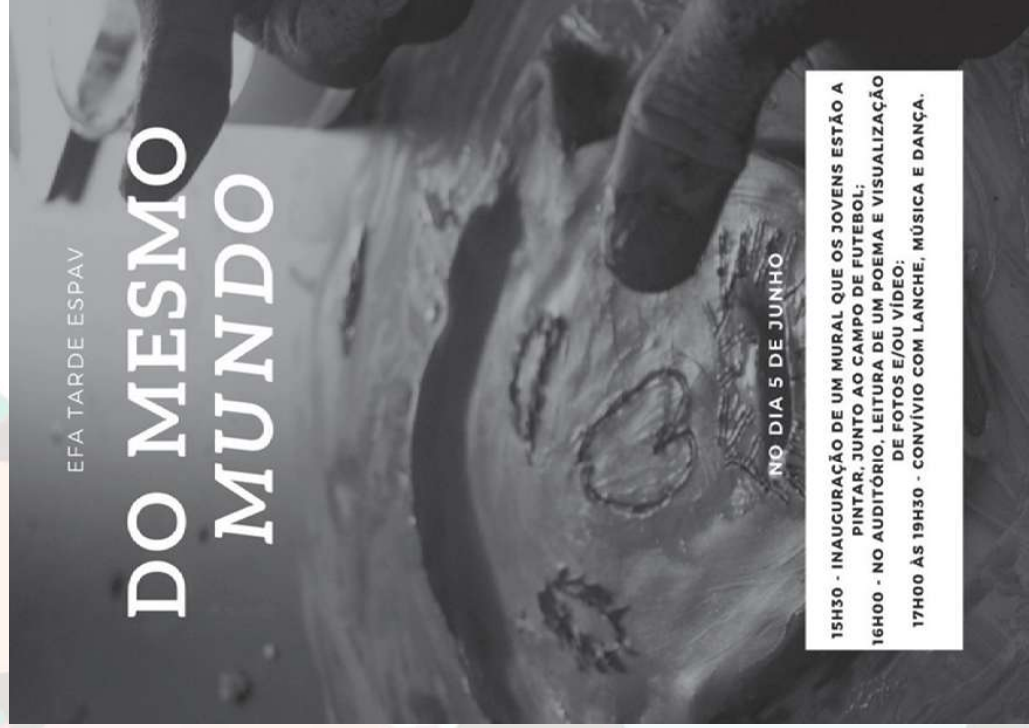


Figura 2: Cartaz do evento "Do mesmo Mundo", 5 de junho.



Figura 3: Mural inaugurado no dia 5 de junho

3.2.2. Os jovens e a comunidade escolar: a "luta" entre a "bolha" e a integração

Trabalhar com estes jovens é um desafio profissional e pessoal. Ao contrário de outros estudantes migrantes, integrados em núcleos familiares:

Eles vêm sem nada, não é? Vêm... Todas as suas raízes ficaram no seu país. E, portanto, é todo um trabalho, não é só da língua e de uma readaptação a uma vida nova, integração numa escola em que não conhecem ninguém, adaptarem-se a professores. Tudo, tudo, tudo (Mediadora)

Esta consciência faz com que haja, por vezes, desanimo:

Alguns que estavam sempre contentes, de repente, já não têm o mesmo sorriso. Eu senti um bocadinho isso e tivemos ali dois ou três momentos que sentimos que tínhamos proposto uma atividade que tinha a ver com.... de alguma forma com a vida deles antes, queríamos que eles trouxessem um objeto que fizesse significado e alguns não quiseram trazer nada e nós



nem estávamos a perceber. Eu pelo menos nem estava a perceber. Só que depois é que percebemos que eles não queriam mexer mais no passado.

Ter sempre estas consciências às vezes não é fácil. Portanto, se calhar, se fosse agora já seria, já faria diferente porque percebo que há aqui muitas barreiras que eles não são miúdos de falar abertamente das coisas do que passaram, não tem nada a ver com os nossos alunos portugueses, não tem mesmo nada a ver. (Mediadora)

Também a situação em Portugal, sobretudo a emergência de movimentos contra a imigração foram motivo de desincentivo, com referido pela Mediadora:

Sentiam grande cansaço e desânimo. [...] Alguns que estavam sempre contentes, de repente, já não têm o mesmo sorriso." Registam-se mesmo desistências, aparentes movimentos secundários. "As vezes chegam, depois estão um mês ou dois, depois vão-se embora." (...) "Os protetores dela não sabem onde ela está. Está em destino incerto. "Não se pode dizer que há uma integração. Eles continuam na sua bolha."

"Essencialmente procuram melhorar o seu português.". "Estão desejosos todos de acabar o nono ano para a seguir irem trabalhar (...). Áreas como soldadura, mecânicos, eletricitistas e pintura, motoristas." (...) "Era estudar e ajudar a minha família."

Trabalhar com estes jovens implica compreender esta diferença: "Portanto, se calhar, se fosse agora já seria, já faria diferente porque percebo que há aqui muitas barreiras que eles não são miúdos de falar abertamente das coisas do que passaram, não tem nada a ver com os nossos alunos portugueses, não tem mesmo nada a ver."

Por fim, há coisas que são próprias de jovens:

Sentia-se, no início eu também senti um ambiente..., mas não sei se é de, não sei, não sei, não sei, eu sentia mesmo ali uma coisa de olhar e tocar ainda eram barreiras, ainda eram limites. Apesar de eu sempre senti um grupo mais ou menos unido, nós até falámos disso várias vezes de eles protegem-se e chegou a haver discussões em aula, não é, é normal, chegou a haver problemáticas. E eu sentia que eles depois, enquanto grupo, tentavam resolver internamente de "Ah, pronto, tipo aquela pessoa disse aquilo àquela professora e foi mal recebido" e tentavam, em grupo, perceber "Então, mas o que é que se passou? O que é que disseste? O que é que aconteceu?". E vi essa comunidade interna a atuar (...). Às vezes é mesmo, é mesmo, são jovens, não é? Também não nos podemos esquecer disso.

Há sempre coisas próprias dos jovens. (Mediadora intercultural)

A partilha não é fácil e requer sensibilidade.

E partilharam muitos, pois também depende, é preciso haver sensibilidade.

Alguns falavam ainda em inglês porque ainda não conseguiu falar em português. (Mediadora intercultural)

Mas havia muito de "Eu passei isto e agora estou aqui!" no sentido positivo. Mas com o desanimo também senti um fechamento para isso, mas para muitas outras coisas. E depois nós tentámos... (Mediadora)

E depois alguma obsessão em "Eu quero é falar português. Eu quero é falar português. O resto não interessa", um bocadinho.

Mediadora: Um bocadinho. Um bocadinho também de se sentirem, talvez esta extra pressão, não é, de as coisas não estão a mostrar-se fáceis, nós vamos ter que nos safar aqui e isto vai ser uma luta e esta tomada de consciência também que isto vai ser uma grande luta." (Mediadora intercultural)

(...) há escolas que os espalham por outras turmas percebo que não sejam melhor para eles, eles sentem-se aqui muito protegidos nesta escola e esta escola protege-os muito. (...) Desde a senhora do bar, desde professores, desde a psicóloga. Portanto, aqui é outra casa que eles têm. (...) A escola é a comunidade, para eles é a comunidade que eles têm. É o meu ponto de vista. (mediadora)

3.2.3. Comunidade escolar e formação de docentes – formatação e abertura

O debate sobre o papel dos professores e a sua postura é outra vertente

Apesar de eles virem, muitas vezes, cansados e sem grande motivação, que também já tem a ver com características deles. Alguns nunca andaram na escola, é a primeira vez, alguns não foram sequer alfabetizados (...) nem nunca tiveram nada e, portanto, eles chegam aqui, têm que adquirir todo um conjunto de regras, de postura e formas de estar. Por isso é que eu digo que os formadores têm que ter uma abertura enorme, porque nós... Eu dou aulas há 30 anos, estamos formatados para trabalhar com determinado tipo de jovens e estes são completamente diferentes. (mediadora)

Esta diferença implica uma postura e atitude igualmente diferente:



Portanto, eu acho que antes de aceitarmos um projeto destes temos que ter formação. Temos que ter pelo menos uma reunião ou duas em que nos digam "Atenção, as necessidades são estas, a cultura deles é esta" e só foi feito mais tarde, fomo-nos apercebendo, não quer dizer que também seja mau e as coisas acabam por funcionar, mas é preciso estar muito atento a isso. Temos que ser muito sensíveis a algumas coisas, eu acho... (mediadora)

A necessidade de formação específica é, assim, essencial, mas, igualmente, a disponibilidade pessoal e a capacidade de refletir sobre o processo:

Acho que é fundamental primeiro haver uma formação e as pessoas estarem disponíveis e quererem trabalhar com estes jovens. Isso é fundamental. Porque, de facto, é uma forma de estar muito diferente e que nós temos que tentar compreender muitas situações, às vezes nem nos passa pela cabeça. Para mim foi um ano inteiro de aprendizagem, com muita frustração pelo meio. Houve muitas vezes que me senti frustrada. Questionar o meu trabalho, outras vezes muito satisfeita. (mediadora)

Nada tem a ver com trabalhar com outro tipo de jovens. (...) "Temos que ter pelo menos uma reunião ou duas em que nos digam 'Atenção, as necessidades são estas, a cultura deles é esta'. A experiência adquirida é, igualmente, fundamental: "Eu agora sinto que tenho muito mais ferramentas do que tinha no início do ano.", assim como o trabalho em equipa, nomeadamente a psicóloga da escola "também é de referir e mencionar porque ela faz um trabalho mesmo extraordinário com eles.", até pelo seu papel na relação com os tutores dos jovens; "Faz sempre essa ponte muito grande com os responsáveis."

Todavia, as circunstâncias são também oportunidades: "Felizmente eu conheci a XXXXX, por que senão teria sido muito difícil, porque a minha disciplina, que é competências pessoais, sociais e de aprendizagem, basicamente, temos de trabalhar tudo."

Claro que no final do ano, quando se vê aquele progresso todo é comovente, mas o caminho às vezes não é fácil. E é preciso os professores, os formadores estarem mesmo muito disponíveis.

4. Discussão e notas conclusivas

Este estudo de caso, pela sua natureza contingente e singular, nas circunstâncias e nas pessoas envolvidas, dá-nos pistas relevantes para reflexão sobre os processos de integração de jovens

estrangeiros não acompanhados e sobre qual o papel agenciador das intervenções artísticas em contextos educativos.


No plano pedagógico, e como em qualquer processo de integração, que envolve as duas partes envolvidas, verificamos a necessidade de formação da comunidade escolar para fazer face às especificidades da aprendizagem destes alunos. A opção de ter uma turma exclusivamente destes jovens foi manifestada como uma preocupação (a este propósito ver texto de Abelha, Seabra & Matos). Todavia, como referido, a capacidade de, em pouco tempo, potenciar aprendizagens que permitam, sobretudo para quem tem pouca escolarização, ultrapassar barreiras e encontrar saídas profissionais, é ressaltada. Para jovens em transição para adultos este processo, que passa por procurar e encontrar trabalho...

A prática artística desenvolvida demonstrou ser um alicerce pedagógico, concorrendo para tornar a barreira linguística e promover a sua aprendizagem. Apesar das limitações decorrentes da interação mais vasta na comunidade escolar, as atividades criativas permitiram o desenvolvimento de competências sociais e a construção de um grupo-turma mais consciente e em relação. A prática artística permitiu ainda a criação de um espaço de liberdade de expressão, onde, de certo modo, a frustração de não conseguir falar português se dissipava, mas, se desenvolvia concomitantemente. Podemos dizer assim que, de certo modo, a prática artística foi um suporte terapêutico, permitindo o reencontro com os outros, presentes e ausentes em particular a família.

No plano da escola e da comunidade escolar, em particular os agentes e atores há o reconhecimento de que trabalhar com este grupo de jovens é diferente de trabalhar com outros jovens. O trabalho educativo tem de ser abrangente, uma vez que alguns alunos nunca andaram na escola ou não foram sequer alfabetizados. A ausência de uma família, não sendo algo exclusivo destes jovens, complexifica igualmente o processo. Intermediado por tutores de cariz institucional, a família está, apesar da distância, presente.

Esta diferença gera uma necessidade estrutural crítica de formação. Se a sensibilidade e a emoção foram observadas nos contactos registados. Por outro lado, os nossos interlocutores referiram as dificuldades que decorrem do modelo de colocação de professores e as dificuldades em encontrar e manter certos profissionais neste trabalho. Outra questão essencial é a formação sobre as necessidades, cultura e realidade destes alunos. A prática foi um processo de aprendizagem para os professores envolvidos, em particular as mediadoras entrevistadas. O projeto teve sucesso pelo esforço dos seus





intervenientes. A relação da sociedade civil, o voluntariado efetuado no âmbito de um projeto, mostra como se pode articular comunidade (vastas) e escola, e integrar igualmente saberes em processos pedagógicos com um cariz multidisciplinar e, neste caso, artístico.



REFERÊNCIAS

- AIMA. (2025) *Relatório de Migrações e Asilo 2024*. AIMA I.P. – Agência para a Integração, Migrações e Asilo
- ANQEP. (2021). Referencial de Competências-chave de Educação e Formação de Adultos – Nível Básico. Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional.
- Nogueira, B. (2023) *Uma educação para a integração: menores não acompanhados no sistema educativo português*. Dissertação de Mestrado. ISCTE-IUL.
- Roberto, S., & Moleiro, C. (2021). *De menor a maior: Acolhimento e autonomia de vida em menores não acompanhados*. Observatório das migrações.
- Sousa, L., Costa, P.M., Albuquerque, R., Magano, O. e Bäckström, B. (2021). *Integração de refugiados em Portugal: o papel e práticas das instituições de acolhimento*. Observatório das Migrações.
- UNICEF. (s.d.) Close to 50 million children had been displaced due to conflict and violence globally by the end of 2024. In: <https://data.unicef.org/topic/child-migration-and-displacement/displacement/>
- Vítor, R. (2015). Os menores estrangeiros isolados ou não acompanhados em França e Portugal: a “batata quente”. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, XXIX, 171-198.

